

## DEPOIS DO CLASSIFICADO

(Maria Regina M.)

No jornal, um anúncio incomum recorre aos olhos dos leitores assíduos de classificados. A busca por pessoas que se interessem por contar a própria história de vida, explicada junto de um telefone e um endereço.

Triste é não saber o que, instantaneamente, motivou aquelas pessoas a ir até o lugar marcado. Assim, passa-se agora a contar o que ocorre dentro da sala de conversa.

A fila não era muito grande. Apenas sete ou oito pessoas. Grande era a ansiedade desses indivíduos corajosos.

A primeira pessoa da fila é chamada e convidada a se sentar no palco, de frente para a plateia; vazia. A mulher, que foi chamada, ao se sentar recebe recomendações de contar um pouco sobre a sua vida segundo o próprio ponto de vista. Disseram também que não era preciso se importar por estar falando sozinha, pois tudo seria gravado e analisado posteriormente.

Desejável seria ler os pensamentos daquela mulher... Depois de suspirar profundamente, inicia o monólogo ao dizer “bom dia” inúmeras vezes, e em bom som. Queria ela começar o dia diferente dos outros. Queria produzir eco e receber de volta um “bom dia” animado que nunca escuta nas manhãs convencionais.

Aquela mulher queria apenas ser feliz e ninguém havia lhe dado um manual que ensinasse o que fazer. Ela prossegue o monólogo contando que é uma pessoa forte, que não desiste, que é inconstante e que se irrita facilmente. Ela confessa não entender as pessoas, e acha que não é compreendida pelo mundo. Diz chorar por qualquer história de amor. Se sente

arrependida por não ter feito certas coisas, que não revela e que alega não gostar de lembrar.

Não esconde a vontade de morrer e nascer de novo, em uma nova vida.

Ela fala, fala, fala. E para de falar apenas para conter o choro, que vem de súbito.

E ela conta da filha, do trabalho, dos sonhos realizados (foram poucos) e daqueles que continuam apenas sonhos (são muitos)...

Acaba seu tempo máximo e ela se irrita por ter ainda muito mais a contar. Pouco se importa por ter falado sozinha por uma hora. Levanta-se e sai, com os pensamentos mais leves, ainda que com os mesmos problemas. Não se preocupa em receber pagamento por ter feito revelações particulares ao vazio.

O segundo da fila é chamado, mas ele já se foi. Assim como o terceiro, o quarto, o quinto... Apenas o último dos integrantes da fila não desistiu e não achou muito longo o tempo de espera.

Para ele não fazia diferença esperar nesse lugar desconhecido, ou esperar na rua. Há muitos anos vive a espera de uma nova vida. Senta no palco e conta, durante uma hora, sobre a vida que sonha ter.

O homem, graciosamente, diz que gostaria de ter problemas no trabalho e contas da família para pagar. Desejava ficar em dúvida sobre qual o presente dar aos filhos e queria ter a esposa nos braços e não nos sonhos.

Ele sonhava com uma vida que não fosse um pesadelo real. Para explicar, ele apenas diz que perdeu a mulher e os filhos em um acidente e que depois disso se considerava um homem morto.

Saiu daquele lugar como entrara, mas quem assistir ao que ambos os personagens contaram sentirá o contraste entre os relatos.

Enquanto a mulher reclama do que tem e que lhe gera problemas, o homem sofre por ter perdido tudo.

São apenas duas amostras dentro dos inúmeros personagens que são abrigados pelo mundo. Fica-se a imaginar quais seriam as histórias de vida daqueles apressados que desistiram de aguardar na fila.

Se o final esperado era saber quem colocou aquele anúncio no jornal, o leitor não deve desanimar. Talvez fosse um escritor, um ator ou qualquer outro disposto a perceber o quanto pessoas muito parecidas sofrem e reclamam por dores e motivos substancialmente diferentes.